Governo argentino reforça campanha contra Grupo Clarín

César Felício
De Buenos Aires

A Argentina poderá ser declarada "país autoritário" pela Sociedade Interamericana de Imprensa (SIP) caso se confirmem os boatos de que o governo utilizará a lei de mercados de capitais para tomar o controle do Grupo Clarín por 180 dias. De acordo com o vice-presidente regional da SIP, Daniel Dessein, dono do jornal "La Gaceta", de Tucumán, a entidade considera a intervenção o cenário mais provável depois de a Comissão Nacional de Valores (CNV) enviar nos últimos dias 13 pedidos de informação ao conglomerado de mídia.

"Essa poderá ser a resposta da SIP caso se confirme o cenário extremo, como forma de aumentar a repercussão internacional ao cerco que a imprensa sofre ", disse.

Por uma lei sancionada no ano passado, a CNV (a CVM argentina) pode intervir em uma sociedade anônima a pedido de um sócio minoritário, sem aval judicial. Por meio da Anses, autarquia que controla os fundos de pensão, o governo da presidente Cristina Kirchner detém 9% do capital do grupo.

A tomada de controle é apenas uma das opções de intervenção que a CNV poderá adotar. O órgão pode se limitar a apenas a nomear auditores para o grupo, como passo inicial para uma medida mais radical. Ontem, em evento fechado com empresários do setor financeiro, o diretor da CNV, Alejandro Vanoli, disse que o órgão irá agir "com prudência e dentro do marco legal", de acordo com relato do próprio Clarín em sua página na internet.

Segundo Dessein, a hipótese de uma intervenção radical é provável em razão de outros fatores, como a apresentação por parte de parlamentares governistas de um projeto que expropria parte do capital da empresa Papel Prensa, que monopoliza a produção e importação de papel jornal no país. Atualmente o governo detém 27% do capital, e a empresa é controlada pelo Clarín e pelo La Nación, que somam 71%.

Dessein citou também o boicote de publicidade de supermercados, e varejistas de eletrodomésticos a jornais, organizado desde fevereiro. "Há três meses, o "Clarín" saía com 264 páginas de publicidade aos domingos. Hoje sai com 61."

Só há atualmente três grupos de mídia que fazem oposição a Cristina: além do Clarín, que também controla a segunda TV de maior audiência no país, a principal rádio e a maior empresa de TV a cabo, também fazem parte do diminuto núcleo o "La Nación" e o semanário "Perfil", que publicou em sua página na internet que a tomada de controle vai acontecer hoje à noite, durante o jogo entre Corinthians e Boca Juniors pela Libertadores.

"Um ato desses poderá ter repercussões ruins para o governo às vésperas da eleição parlamentar. Vitimiza o Clarín e coloca a corrupção no centro do debate", comentou o ex-ministro-chefe de Gabinete de Cristina (responsável pela coordenação política), Alberto Fernández, hoje na oposição. Há três semanas, o principal jornalista do grupo, Jorge Lanata, veicula em um programa de televisão domingo à noite, com 33 pontos de audiência, denúncias de que Cristina movimentaria grandes quantias de dinheiro de origem obscura, supostamente mantendo um cofre em sua casa em Río Gallegos com capacidade de armazenar € 3 bilhões. Não houve resposta até agora por parte da presidente.

Principal TV opositora é vendida na Venezuela

De São Paulo

A Globovisión, maior canal de TV de oposição ao governo venezuelano, foi vendida ontem, anunciou o vice-presidente da emissora, Carlos Zuloaga.

O negócio — cujo valor não foi divulgado — foi anunciado por Guillermo Zuloaga, fundador da emissora, no último dia 11 de março, quando ele explicou que foi obrigado a tomar essa decisão devido à "inviabilidade econômica" do canal. Ele vive há três anos nos Estados Unidos, onde recebeu asilo político, e é considerado foragido da Justiça venezuelana por crimes de corrupção.

Os novos donos da Globovisión são os empresários Raúl Gorrín, Juan Domingo Cordero e Gustavo Perdomo. Leopoldo Castillo, novo diretor do canal, afirmou que a linha editorial será modificada para uma "postura mais centrista".

Carlos Zuloaga, filho do fundador da Globovisión, disse que apresentaria sua renúncia após a assinatura do contrato, mas deve continuar à frente do canal até a transação ser concretizada.

A venda da Globovisión é mais um sinal de enfraquecimento dos canais de TV ligados à oposição na Venezuela. Essa tendência começou a se intensificar após a tentativa fracassada de golpe de Estado contra Hugo Chávez, em 2002, que o chavismo costuma chamar de "golpe midiático", devido à participação das emissoras com manipulação de imagens e omissão de manifestações pró-Chávez. Em 2007, o ex-presidente, morto em março passado, não renovou a concessão do canal RCTV, que operava no país desde a década de 1950.

Em fevereiro, o governo excluiu a Globovisión do sistema de TV digital aberta que inaugurava no país. Zuloaga disse, à época, que, com isso, assinava-se a "sentença de morte" da emissora. Pouco depois, surgiram os primeiros rumores da venda do canal.

Fonte: Valor Econômico, São Paulo, 15 maio 2013, Primeiro Caderno, p. A15.

Autorização concedida exclusivamente à Folha de S.Paulo